

A educação caiu do cavalo

JERÔNIMO RODRIGUES DE MORAES NETO

Agrave crise econômica que o Brasil atravessa, gerando desemprego, baixos salários, recessão e incerteza, tem levado os pais de família a buscarem, insistente, o ensino público para seus filhos. Em relação àquele oferecido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1995, o município recebeu 8.153 alunos (12,94%) oriundos da rede particular; em 1996, 14.780 alunos (29,45%).

Entretanto, em 1995, 5.133 alunos (14,50%) pediram transferência para a rede particular e em 1996, 8.056 alunos, o equivalente a 31,06%.

Verificamos, ainda, que os pais, sobretudo os de baixa renda, fazem todo sacrifício para manterem seus filhos em escolas particulares, pois nem sempre confiam no ensino ministrado pela maioria das escolas públicas.

No que tange ao Sistema de Avaliação, segundo a Resolução 606/96 da Prefeitura do Rio de Janeiro, os conceitos são atribuídos, de acordo com os seguintes critérios:

PS — Planejamento Satisfatório (70% ou mais de aproveitamento).

S — Satisfatório (40% a 69% de aproveitamento).

EP — Em Processo (menos de 39% de aproveitamento).

Os dois primeiros conceitos aprovam o aluno. Quando há mais de 15% de alunos com conceito EP em uma única turma, é acionado o Conselho de Classe Extraordinário, composto pelos diretor, supervisor, orientador, professor, responsável, aluno e outros representantes.

Essas medidas baixam de 50% para 40% o índice de aproveitamento. Além disso, segundo professores, o processo é tão complicado para se justificar o conceito EP (em processo) que se torna mais prático evitar tal conceito.

Diante desses dados oferecidos pela própria Prefeitura, do sacrifício daqueles pais e desse sistema de avaliação, será que ainda podemos dizer que a escola pública é de boa qualidade?

E agora, conforme noticiou O GLOBO (18/1/99), "a secretária municipal de Educação, Carmem Moura, espera reduzir os índices de evasão, e de repetência, mudando o sistema de promoção nas escolas públicas do Rio, com o fim da reprovação de todos os 90 mil alunos que cursarem a primeira^a série do ensino fundamental, independentemente de sua avaliação. Numa próxima etapa, a intenção da secretaria é estender o novo sistema de promoção automática da quinta^a para a sexta^a série".

Graças à permissividade, chegamos à conclusão de que as escolas não podem mais reprovar alunos. Passa o que sabe e o que não sabe.

Entretanto, a repetência é um sinal de que não houve um bom aprendizado e para tentar suprimi-la, faz-se necessário aprimorar o ensino, exigir esforço e desempenho dos alunos cujo êxito tem sua origem na alegria de descobrir e de saber. Como afirma o monge beneditino dom Lourenço de Almeida Prado, educador competente e sério, "se não se conquistar a alegria do encontro com a verdade, ficar-se-á no tédio, que é a porta do vício. A droga vem por aí".

O professor não pode ignorar que sua atividade é determinante na motivação do aluno. O sucesso ou o fracasso da aprendizagem depende muito dele e o resultado do seu trabalho repercutirá na vida de seus alunos. Mas para que ele desperte o interesse e a atenção de seus alunos pelos valores contidos na matéria, criando neles o desejo de aprendê-la, o gosto de estudá-la e a satisfação de cumprir as tarefas que ele exige, é fundamental que o docente sinta-se, também, motivado. O resgate da imagem do professor, através de uma remuneração justa, de respeito à sua dignidade profissional, da necessidade em aprimorar seus conhecimentos, submetendo-o, periodicamente, a uma avaliação é uma questão de honra na busca de um ensino sério e de qualidade. O faz-de-conta, a leviandade, ou melhor, a falta de seriedade são alguns sintomas da grave doença da educação no Brasil e no mundo.

Com o sistema para que ninguém mais seja reprovado, ou seja, "reprovação já era", conforme a secretária Carmem Moura espera reduzir os índices de evasão e de repetência, nada melhor que retomarmos as palavras de d. Lourenço, ao abordar o "Panorama da Educação no Brasil".

"Afasta-se o sinal para que ninguém mais veja que o rei está nu. Pouco importa que esse infeliz titulado, cujo diploma não lhe deu a ciência que não tem (conforme a expressão de Epitácio Pessoa), possa vir a reclamar, mais tarde, como o caboclo do sertão, que iludido pela conversa dos compadreiros se presumiu peão, montou, caiu logo do cavalo e se indignou com os amigos, interpelando, como quem vai à briga: 'Quem foi que disse que eu sou peão?' A anedota é brincalhona, mas não é só brincalhona. É um crime contra a dignidade humana vestir alguém com uma veste que é mentira. Além disso, há o risco de criar o fracasso. O que vai cair do cavalo."

JERÔNIMO RODRIGUES DE MORAES NETO é professor adjunto da UFRJ e da Uerj e doutor em educação pela USP.